

Phalam-se os poetas de um século. O pretexto deste encontro é Pessoa e Pascoaes. O JL foi indagar às raízes deste projecto «megalómano» e achou-se no vórtice do

Desassossego dos poetas

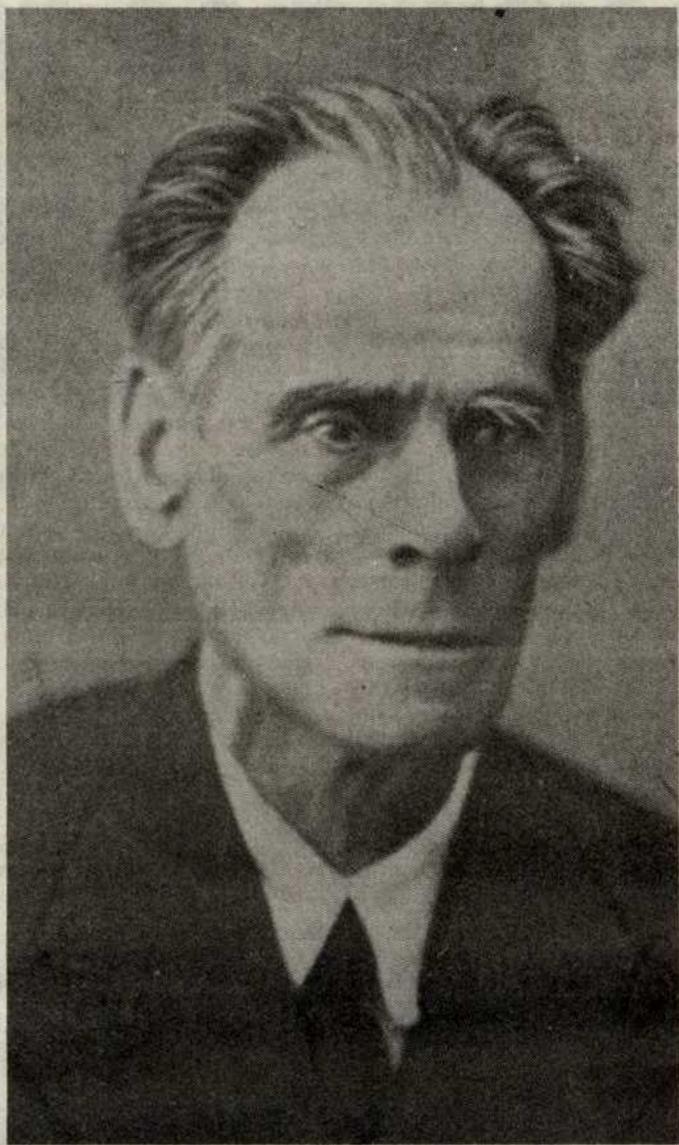
António Cabrita

Lia-se há uns meses em quase todos os jornais: em Memphis, EUA, levava-se a cabo uma bizarra comemoração sobre os cinquenta anos da mumificação de um negro, afogado numas cheias locais, e que uma casa mortuária local exhibia numa vitrine, como bibelot, ao lado de santinhos, velas e crucifixos diversos. Curiosamente a múmia tinha sobrevivido ao seu «autor», o cangalheiro, cujo coração capotara dois anos antes de a cidade reconhecer a sua obra. E garantia a esposa, fiel depositária da herança, apontando o mumificado: «ele foi a razão de viver do meu marido».

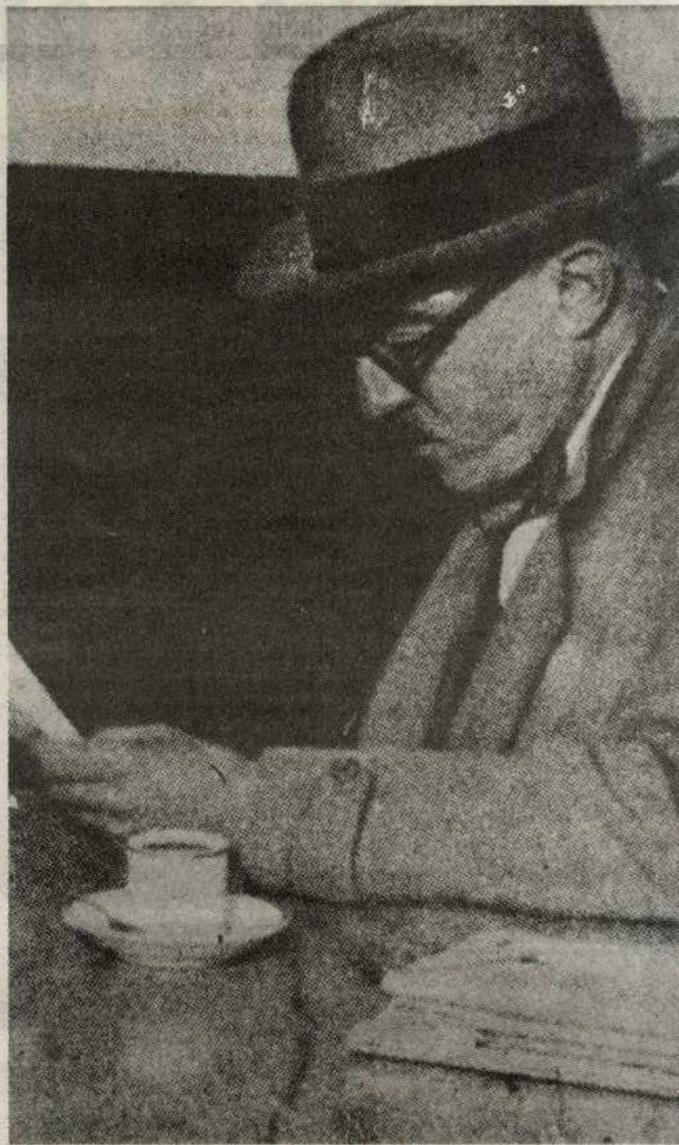
Serve o **fait-divers** para nos congratularmos com o facto de afinal não sermos o único povo que se deleita com a necrologia; o que acarreta muita cinza e muita cal viva sobre a vala dos que insistem em pestanejar. À atenção dos prevaricadores: o problema não está em se fazer o que é justo, e comemorar Pessoa não é só justo como necessário. O problema reside no álbi que isso «oculta». Victor Hugo foi uma lenda viva no seu país. Em Portugal isso seria impossível, e bastam-nos os exemplos de Camões, Bocage, Antero, Gomes Leal, as indigências do secundário mas genuíno Raul de Carvalho e do genial Luís Pacheco; tal como o exílio «voluntário» de Jorge de Sena. Ou se quisermos, e ainda, o marasmo da oficialidade que nem sabe «como pegar» em casos sérios da nossa cultura como a esquecida Irene Lisboa ou a indelével Luísa Neto Jorge (que depois de Quintela talvez seja quem mais e melhores serviços tem prestado à cultura portuguesa).

Neste ano, pois, dantesca-mente marcado pelas comemorações pessoanas, e por muitas pastilhas para o enjoo que nos dê Teresa Rita Lopes o certo é que toda a oficialidade converte o paladar em móveis e utensílios, a iniciativa mais arrojada, a **única** que, pelo menos, arrisca em F. Pessoa (e Pascoaes) o pretexto para sagrar a rebelião dos vivos, cabe à **Phala**, pequena publicação gratuita que se tem vindo a institucionalizar como uma arca (ó suspeita!) de tesouros.

Providencial **Phala**, que depois de um imprescindível número sobre Cesariny se prepara para um feito de mont(r)a: um tomo de fazer inveja aos fascículos da Enciclopédia Luso-Brasileira, e onde será realizada pela primeira vez o balanço da poesia de um século, de 1888 a 1988; magno volume à conta, dentre outras, das augustas penas de José Bento, Fernando Guimarães, Arnaldo Saraiva, Teresa Rita Lopes, David Mourão-Ferreira, Jorge



Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa, dois visados pelos «descobridores de falcões»



Fazenda Lourenço, Joaquim Manuel Magalhães, Gastão Cruz, Óscar Lopes, Angel Crespo, António Ramos Rosa, Eduardo Lourenço. E já que a mão se inclina para o inventário, destaquemos dentre os visados por tais descobridores de falcões, Teixeira de Pascoaes, Fernando Pessoa, o dito, Mário de Sá-Carneiro, Vitorino Nemésio, Jorge de Sena, Ruy Cinatti, Eugénio de Andrade, António Ramos Rosa, Herberto Helder, Ruy Belo, e alguns dos anos setenta; afinal todos os que, segundo os organizadores serão incontornáveis em qualquer abordagem da poesia portuguesa deste século.

Mas outras iniciativas se incluem no âmbito do número especial da Phala: um ciclo de cinema, já a decorrer na Cinemateca (já teria terminado?), com, sobre e de poetas; uma emissão contínua de poemas na Rádio Comercial que, por todo este mês de Junho, divulgará antes de qualquer noticiário um ou dois poemas dos poetas citados, além de outros e de novos poetas; uma exposição iconográfica dos poetas portugueses, cujas fontes serão o próprio espólio de alguns poetas, e que já tem escala marcada na Biblioteca Nacional de Espanha, no Brasil, num festival internacional de poesia a realizar na

Bélgica, excursões menores endereçadas a dezenas de câmaras nacionais; um ror mais de boas ideias, a aguardar que as condições propiciem alento e proveito.

Bem, por uma vez não teremos **fogo preso**.

— Fora, com o agente!

Do feito, sem embustes, os olhos sem repiques, falaram os organizadores ao jornalista. **José Bento**, tradutor e poeta; **Hermínio Monteiro**, editor e poeta; **Gil de Carvalho**, poeta, e **Fernando Pinto do Amaral**, crítico literário (este último ausente de corpo mas presente no espírito pelo que se lhe podem atribuir as entrelinhas do texto) entreteceram este rio (caprichoso) de vozes onde o agente achou por bem diluir-se:

HM: «Esta nossa iniciativa faz-se por Pessoa, com Pessoa, contra Pessoa... sobretudo contra o cortejo em que toda a gente se desunha para segurar o pálio. Eu, francamente, ainda estou à espera que o bispo de Setúbal faça uma declaração sobre Fernando Pessoa...»

GC: «O que nos parece espantoso e quisemos assinalar é haver Pessoa e a poesia portuguesa resistir com as suas diferenças, contra ele se for preciso... a poesia francesa, por ex.,

foi asfixiada por três ou quatro grandes vozes... enquanto a poesia portuguesa exhibe uma vitalidade notável com vias diferentes e fecundas... o Pascoaes foi uma coisa que passou ao lado de Pessoa...»

(AC: E Vitorino Nemésio e Herberto Helder também me parece que existiriam sem Pessoa.)

GC: Isso é que é espantoso. Em França qual é o grande poeta depois da guerra? Talvez só Bonnefoy. O resto foi tudo ofuscado pela força dos poetas da primeira metade do século... cá, mesmo com Pessoa, isso não aconteceu...

HM: O próprio Angel Crespo, um estudioso de Pessoa, escreveu no **El País** que não se pode perceber Pessoa sem o Pascoaes. Ora, o que quisemos fazer foi, pegando no que dizia o Gil, **um ponto da situação**, chamar os responsáveis, as pessoas que têm voz crítica neste país e «confrontá-los». O resultado é um somatório que pretende ser conjunto de pontos de vista e não uma amálgama... Agora, é curioso que já se comecem a levantar ondas e que um projecto como o nosso, que não se faz contra ninguém nem procura estar com **capelas**, veja levantar à sua volta tempestades de areia...

GC: «Nós fizemos tudo para

fugir a um bloqueio clubista, procurámos evitar cair no pequeno círculo dos que aparecem sempre e não aceitámos a partida detentores do saber e da poesia... agora é óbvio que as pessoas que escolhemos são as que nos garantem uma qualidade à altura da nossa aposta. Só por isso são ridículos as tricas que se movem por ciúme ou despeito, por termos escolhido este poeta e não outro, etc., etc... aliás a poesia portuguesa vale por si própria, é indefensável. Devia-se era, em vez de andarmos com rivalidades caseiras, tentar uma estratégia que pudesse **pesar** lá fora, pondo-a nos mesmos parâmetros com que são olhadas outras poesias como a inglesa, mas isso não nos cabe a nós.»

HM: «Isto tem sido muito difícil. Não conseguimos arranjar apoios nenhuns, apesar de muitos contactos com a Imprensa. Os únicos apoios surgiram da Rádio Comercial e da Cinemateca Portuguesa. Há até um episódio rocambolesco com a Biblioteca Nacional. Enviámos uma carta explicitando o nosso projecto e solicitando: uma exposição bibliográfica, o auditório e uma certa facilidade para consultar material iconográfico. A resposta foi uma palmada nas costas: a Biblioteca Nacional achou a iniciativa

notável mas informou-nos que também ia tomar uma iniciativa, etc., etc. Depois anunciaram uma exposição bibliográfica com o nome de **Um Século de Pessoa**. Concluindo, nós ainda ficámos com a fama de nos termos colado ao título da exposição deles... mas mais coisas nos contrariam e é preciso dizê-lo: se a Phala ainda não saiu foi porque colaboradores vários têm protelado inexplicavelmente a entrega dos textos...»

O caso das edições críticas

JB: «A poesia tem que ser defendida e com rigor. Para isso talvez este nosso levantamento sistemático seja um começo. E depois há muito que fazer pontualmente e caso a caso. Olhe, por ex., eu há já uns anos fiz um artigo sobre o **Só** em que denunciava coisas erradas no texto... deturpações e erros... Agora acabou de sair uma edição do **Só** na Comunicação, o Círculo de Leitores lançou uma edição completa da obra de António Nobre e entretanto no Porto continua ignorado o espólio do António Nobre que podia rectificar todas as dúvidas e resolver de uma vez a questão textual...»

GC: Isto é importante porque, afinal, nem Camões tem uma boa edição crítica. Nem as há de Sá de Miranda ou de Bernardino e entretanto querem cegar-nos com todo este aparato à volta de Pessoa. Este trabalho de sistematização é necessário porque é a única forma de confrontarmos a nossa cultura com as outras culturas... a poesia não tem naturalmente nada a ver com isto e faz-se contra todos os contratemplos. E, apesar desta repugnante panóplia à volta de Pessoa, o momento é propício para este debate e para se avaliar a verdade das coisas e um modo de procedimento...»

HM: «E a defesa da poesia é tanto mais necessária quanto a ficção se tem sobreposto de uma maneira tirânica. Para mim a prosa portuguesa norteia-se por valores medíocres, exceptuando a Agustina...»

Estancam-se as vozes? Não se estancam nunca quando lhes assiste o direito. Ou estancam sim, o direito não é cidadania que garrote o tempo. Não estancam é por paixão, que é essa habitação excessiva que nos transborda e nos faz perder comboios ou o sossego das coisas rotineiras. Mas que quer mais saber o leitor? Aguarde pela primeira semana de Julho e corra às livrarias. Depois da **nacionalização** de Pessoa talvez esta **iniciativa privada** reponha o risco e separe as águas. **Um Século de Poesia** em debate e na recusa à circunspecção. Ora, por uma vez não vamos **ter fogo preso**.